**UM DIA DE CAÇA NO INVERNO**

(8.º ano)

*Introdução*

***Durante o longo inverno, era necessário pescar e caçar para comer. O mulato Firmino, para distrair Alberto que andava desesperado, leva-o na sua canoa através das águas que invadiram a selva. Aí pescam e caçam sem dificuldade, pois os animais refugiam-se em pequenas partes de terra seca. No final, são surpreendidos por uma enorme tempestade.***

Firmino, de orelhas à escuta, remava agora com lentidão, evitando todo o ruído. Subitamente, porém, um animal que se atirava à água, espadanando para longe, quebrou o silêncio.

— Eh, bicho danado! — exclamou, então, o mulato. E, com duas remadas fortes, foi encalhar a ubá1 na ponta da restinga2.

Era uma língua de terra emergindo do dilúvio, espapaçada nas bordas, coberta ao centro de folhagem e troncos mortos, que apodreciam na humidade, promiscuamente. Todos os animais que os caçadores teriam vaidade em matar e muitos outros que ninguém ousaria comer, vinham aglomerar-se ali — único abrigo que a selva lhes oferecia quando as águas avançavam em posse de muitos meses. Só os macacos, saltadores eméritos de ramo em ramo e acrobatas, por distracção, em todas as lianas, encontravam no Inverno liberdade para excursionar. Os outros estavam encarcerados — entristecidos e famintos dentro do aro líquido que os prendia inexoravelmente. Estava a paca loira e de olhos noctívagos; a anta corpulenta, saborosa e míope também perante a luz solar; a cotia, pequena e lesta como a lebre e de grito alarmado, sempre que sentia presença humana; o tamanduá-bandeira, de cauda em estandarte e saudoso do manjar que lhe forneciam os formigueiros, altos como guaritas de castelos; o tatu, com a sua couraça esbranquiçada e focinho agudo de perfurador de todas as terras; veado espantadiço e a onça carnívora, o mais feliz de todos, pois só tinha de escolher, entre os companheiros de prisão, aquele que mais lhe apetecesse. Estavam outros, muitos outros e, de quando em quando, a contemplar a Arca de Noé, vinham espreitar lá cima e rir-se da desgraça alheia, com a petulância que lhes davam os movimentos livres, o quatipuru, o capijuba, os barrigudos e os pregos3.

[…]

Não era necessário levar reserva para muito tempo, num dispêndio de sal, pois a carne em breve se putrefazia pela acção do calor e os animais, vítimas também da selva, que lhes dera a vida e lhes precipitava a morte não fugiriam dali. Firmino podia vir, oito, quinze dias, um mês depois; enquanto as águas não secassem, lá os encontraria sempre — e sempre prontos a servirem-lhe de almoço ou jantar.

Contudo, apesar de o fundo da canoa estar já coberto de cadáveres ensanguentados, o mulato, com um sorriso de ironia, voltou a empunhar o rifle e procurou, entre a galharia cimeira, algo que Alberto não tinha divisado ainda.

Ao tiro respondeu, lá de cima, um rugido alarmante, um arreganho de dor e ferocidade.

Firmino disparou de novo e, então, despenhando-se de ramo para ramo, veio estatelar-se cá em baixo uma onça enorme.

[…]

— Também se come onça?

— Se come, mas eu não gosto. A carne é dura e se desfia toda na boca.

E novamente sorrindo, envaidecido:

— Seu Alberto não a tinha visto?

— Não.

Se você vem sozinho e ela estava com filhos, era comido sem dar por isso...

— Mas a onça também é perigosa?

— Ui! Quando está com filharada ou anda no cio, com macho ao lado, se atira a um homem e o faz em pedaços, se ele não foge. Mas quando não está assim é ela que pega a correr, com medo de bala. Seu Alberto não ouviu ela gatinhar pela árvore acima quando nós chegámos? Não? Eu ouvi logo que a montaria tocou na restinga. Mas deixei-a para o fim... Às vezes é perigoso, porque ela salta, com medo, e vem cair em cima de quem está cá em baixo... Vamos?

[…]

Firmino e Alberto retomaram a canoa, empreendendo o regresso.

A mata começava a farfalhar com o vento que lhe crespava as franças mais altas. Uma grossa nuvem comera o sol e a ela outras se vieram juntar para a marcha vagabunda. Lentamente perderam todos os seus contornos de palácios fantasiosos e o céu tornou-se pasta cinzenta, sem revérberos nem coloração alguma. A selva vestira-se de outra luz, luz baça e sufocante de antemanhã que se deteve na operação da nascença. O ar pesava e a brenha escurecia. Rumores que andavam longe, estoiravam agora sobre a cabeça, fazendo tremer tudo. E a água negra era constantemente riscada pelas serpentes de fogo que rabiavam no céu e ela reflectia.

— Vamos apanhá-la no caminho, seu Alberto — vaticinara Firmino, vendo que se tornara inútil a fúria com que ia dando ao remo. […] Toda a terra se arrepiava, voavam milhões de folhas desprendidas e não havia na maranha4 um só ramo que não se agitasse. (…) Sob as rajadas, a selva cada vez arfava mais, rangia por toda a parte e dir-se-ia prestes a destruir-se a si mesma no imenso clamor. […] Depois, de algures, reboando com secura, chegava o alarido forte de grande tronco rachado de alto a baixo pelo raio, num estralejamento brutal que parecia rasgar os nervos em pânico dos que o ouviam e se prolongavam em ecos medonhos. Os trovões sucediam-se e os relâmpagos cruzavam-se numa doida apoteose de fim de inundo falido. […]

Caíram uns pingos grossos e depois a bátega desabou. Firmino, olho à direita, olho à esquerda, descobriu, por fim, um abrigo e foi encalhar a piroga entre dois velhos troncos. Lá estava, mais além, a sapopema5 entrevista.

— Depressa, seu Alberto, senão fica mesmo como um pinto!

Saltaram e, a correr, foram refugiar-se na gruta de raízes.

Ferreira de Castro, ***A Selva***. Guimarães Editores, 2009, pp. 143-146 (texto com supressões)

**Vocabulário:**

 ubá – canoa escavada em tronco de árvore.

2 restinga – terreno arenoso e salino.

3 quatipuru, capijuba, barrigudos, pregos – tipos de macacos.

4 maranha – teia de lã com os fios confusos. Confusão (metáfora).

5 sapopema – árvore da selva de grande porte com raízes enormes em altura, ao ponto de formar pequenas grutas no seu seio

**QUESTIONÁRIO**

1. Porque é que os animais *«vinham aglomerar-se ali»*?
2. Completa a tabela com as suas características:

|  |  |
| --- | --- |
| **animal** | **características** |
| macaco |  |
| paca loira |  |
| anta |  |
| cotia |  |
| tamanduá-bandeira | *cauda em estandarte* |
| tatu |  |
| veado |  |
| onça |  |

2.1. Pesquisa na net imagens destes animais.

1. No entanto, nem todos os animais se sentiam presas. Porquê?
2. Firmino, já no final da sessão de caça, *«voltou a empunhar o rifle»* (5.º parágrafo). Porquê?
3. Quando é que a onça é perigosa?
4. Quando estão para partir, dá sinal o aparecimento de uma tempestade.

6.1. Retira do texto as expressões que assinalam o aproximar dessa tempestade.

6.2. A tempestade é forte ou passageira? Justifica.

6.3. Parece haver algum exagero na descrição da tempestade. Como se designa essa figura de retórica?

6.3.1. Dá outros exemplos como:

«Está mortinho de sede.»

«Tem um sorriso de orelha a orelha».

«Matou-se a trabalhar.»

«…»

**CEL**

…

**PROPOSTA DE ESCRITA**

Já deves, também, ter sido surpreendido ou ter presenciado uma tempestade.

Redige um texto onde descrevas o seu aparecimento e demonstres as suas características.

**PESQUISA**

I. Procura saber melhor quem foi Ferreira de Castro – vida e obra.

**PROPOSTA DE LEITURA EXTENSIVA**

Propomos que, para completar esta pesquisa, leias o capítulo **VIII** de ***A Selva***.

OU

Propomos que, para completar esta pesquisa, leias o livro ***Era uma vez… a selva***.

***“Zé Maria, tens de voltar à escola!...”*** é um projeto de ensino da vida e obra de Ferreira de Castro, sugerido aos docentes pelo Centro de Estudos Ferreira de Castro.

Coordenador do Projecto: Prof. José Carlos Soares

[www.ceferreiradecastro.org](http://www.ceferreiradecastro.org) **I** jose.soares@ceferreiradecastro.org **I** 256 482 037